

O POTENCIAL DA CARTOGRAFIA DAS MARGENS NA CONSTRUÇÃO DE CONTRA-NARRATIVAS PATRIMONIAIS DA CIDADE: EM FOCO O TRABALHO SEXUAL EM PELOTAS

MARTHA RODRIGUES FERREIRA¹; VANESSA AVILA COSTA²; WAGNER
PREVITALI³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – wagnerfprevitali@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende tratar dos resultados de uma cartografia elaborada na disciplina de Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia, intitulada “Cidades e suas Margens: trajetos, percursos e mapas”, ministrada pela Professora Doutora Louise Prado Alfonso, juntamente às reflexões do Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti e da realização da exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas, no Dia do Patrimônio, que ocorreu nos dias 17, 18 e 19 de agosto no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, onde se deu a apresentação da cartografia para a comunidade no módulo das trabalhadoras da noite. No projeto “Mapeando a Noite”, que está inserido no Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), tentamos compreender as vivências cotidianas das trabalhadoras sexuais (principalmente das travestis) e seus modos de conceber a cidade à noite, através de suas narrativas e materialidades.

Nesse sentido, destacamos as posturas de DAS E POOLE (2008) e de AGIER (2015) para pensar diferentes conceitos de margem, trazidos para o debate na disciplina, a fim de desconstruir a noção de margem como periferia. Para DAS E POOLE (2008), podemos compreender o Estado (o centro) através das margens, já que ambos estão em continua negociação, conformando relações de troca entre os sujeitos, onde as margens e, portanto, as fronteiras, não são inertes, mas, sim, fluidas e extravasantes. Segundo AGIER (2015), fazer-cidade é o meio para a instauração “do direito à cidade”, aqui e agora. Cidade esta que é virtual, porque está em movimento e é transformada dia após dia. Para o autor, margem é uma posição política e epistemológica, que pode ser entendida como os modos de habitar que não seguem um determinado modelo de cidade. Por isso, ao contrário da forma como a cartografia tradicional é criada (um mapeamento que possui fronteiras estáticas, destituído de movimento e que não privilegia as experiências das pessoas e seus modos de viver na paisagem), uma cartografia das margens é concebida a partir das diferentes formas de habitar a cidade, vivenciando o seu cotidiano e compreendendo a subversão, pelos grupos sociais em processos de exclusão, das fronteiras que lhes são impostas, já que são eles que constroem a cidade, através da criação de diversas táticas de resistência (CERTEAU, 1994).

A partir da proposta da disciplina, realizamos cartografias das margens, tendo como foco o trabalho sexual em Pelotas, em uma paisagem que, como materialidade – seguindo a perspectiva de uma Arqueologia da Paisagem

(SOUSA, 2005; THIESEN, 2009) – é socialmente construída, ao mesmo tempo em que constrói as relações sociais, e está em diálogo com diferentes temporalidades; é transformada cotidianamente e possui movimento – rejeitando a concepção linear de tempo, a inércia dos mapas e a paisagem como um mero cenário que elimina as experiências dos grupos sociais que a constroem (INGOLD, 2005) –, que demonstrasse as relações de poder na cidade, bem como as resistências cotidianas das profissionais do sexo, tanto das travestis como das mulheres cisgêneros, no passado, presente e futuro. Assim, assumimos o potencial subjetivo de uma cartografia das margens, compreendida como uma criação artística de contestação e transgressão da ordem imposta, posicionando-nos contra a suposta neutralidade da ciência cartográfica.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada foi a da cartografia social, a partir de Deleuze e Foucault, seguindo as considerações de FILHO E TETI (2013). Segundo a autora e o autor (2013, p. 47), tal estratégia desenha diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder, traça diagramas de poder, expõe as linhas de força, diagrama enfrentamentos, densidades, intensidades. Portanto, para a elaboração da cartografia, realizamos um mapeamento a partir de observações etnográficas à noite, atentando o olhar tanto para as casas de prostituição como para o trabalho nas ruas, e também conversamos com a Mestra Griô Sirley Amaro que contou-nos suas memórias sobre um antigo ponto de prostituição da cidade, a fim de construir a cartografia em desenho.

A exposição foi desenvolvida como uma ação participativa que se construiu entre os dias 12 de julho e 19 de agosto, integrando o Dia do Patrimônio na cidade. Esta exposição foi dividida em cinco módulos, apresentando a materialidade de diferentes grupos sociais. O módulo das trabalhadoras da noite apresentava uma bandeira LGBTQ+, roupas, maquiagens, bolsas, peruca, entre outros objetos que fazem parte do seu universo. O diálogo com a comunidade se deu a partir da mediação realizada pelas/os estudantes que participam do Projeto de Pesquisa e pela coordenadora deste, a professora Louise Prado Alfonso, através de conversas, da proposta de reflexão e da apresentação do módulo para a comunidade. Também, ocorreu a partir das abordagens de Paulo Freire, pautadas na *Pedagogia da Pergunta*. Nesse sentido, foram expostos banners com questionamentos sobre a cidade e o grupo social em questão e foram preparados espaços para que as/os visitantes escrevessem, desenhassem e participassem de forma ativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a criação da cartografia, pensamos sobre as formas de resistir das trabalhadoras sexuais no cotidiano de Pelotas, não só no passado, mas também no presente, pensando em um projeto para o futuro, frente aos processos de higienização ocorridos na cidade e ao apagamento de suas memórias, em uma cidade que só preserva os casarões da elite charqueadora (ALFONSO e RIETH, 2016) e que conta, a partir deles, apenas a história de homens brancos da elite, assumidamente heterossexuais e cisgêneros. Para demonstrar estas relações de poder e as resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais, colocamos um

recorte da Fonte das Nereidas, situada na Praça Coronel Pedro Osório (patrimônio institucionalizado da cidade) no centro da cartografia. O chafariz foi trazido da França e instalado no século XIX na praça, pensada para o lazer das elites e pressupôs uma tentativa de exclusão das trabalhadoras sexuais, que ainda se manifesta no presente. Ainda assim, elas estavam presentes na praça do passado e a construíram, da mesma forma que vivenciam e fazem a paisagem contemporânea. De acordo com uma interlocutora do projeto “Mapeando a Noite”, é na Fonte das Nereidas, à noite, que ocorre um ritual: o batismo das travestis, com seu “nome de guerra”. E é assim, no chafariz, que as travestis ritualizam e constroem suas identidades como trabalhadoras sexuais a partir da materialidade que faz parte de suas formas de vivenciar a cidade à noite: roupas, sapatos, bolsas, jóias, perucas, apliques, maquiagem, etc. Tal como as Nereidas da narrativa mitológica, elas se enfeitam para seduzir os homens. Desse modo, a Fonte é um elemento fundamental para compreender como as margens se constroem a partir do centro e, portanto, não podem ser determinadas, já que são transformadas dia após dia.

Ao redor do Chafariz, fizemos um desenho da rua Major Cícero, entre as ruas Andrade Neves e Quinze de Novembro (antigo ponto de prostituição) acerca das memórias da Mestra Griô Sirley Amaro. Imaginamos a rua, no começo do século XX, com a polícia na esquina, controlando e vigiando o trabalho sexual e as casas de prostituição, antes das remoções das prostitutas, tal como ocorrera na rua Doutor Cassiano, segundo as narrativas de Dona Sirley. Ao outro lado, desenhamos as paisagens do presente: a Wiskeria, o Bangalô e o Bar das Coleguinhas, as travestis na esquina, os movimentos dos carros indo em direção aos pontos de prostituição, como observamos em nossas saídas de campo (sem mostrar a sua localização, considerando a questão ética do nosso trabalho). Abaixo, nos perguntamos: e o futuro? Desenhamos então uma carteira de trabalho, já que uma das pautas das trabalhadoras sexuais é a regulamentação da prostituição no Brasil. Para mostrar a dialogicidade entre passado, presente e futuro, a partir do chafariz, desenhamos traçados que se ligam à ele, amarrando as diferentes temporalidades entre si, que representam as trajetórias das trabalhadoras sexuais, seguindo a perspectiva de CERTEAU (1994). Nas palavras do autor (p. 176), os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses “sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade”. A passagem de Certeau dialoga com as frases que escrevemos na cartografia, juntamente às trajetórias das profissionais do sexo: “As paisagens tem vozes do passado, do presente e do futuro, que ecoam por todos os cantos da cidade”; “O contemporâneo e seus passados que não passaram”; “Tentaram nos apagar. Porém, o que não sabiam, é que continuaríamos em todo lugar”.

Sendo assim, demonstramos a relevância desta cartografia na exposição realizada no Dia do Patrimônio, no módulo das trabalhadoras da noite, por apresentar o outro lado da história pelotense para a comunidade e uma contra-narrativa de patrimônio. Ao realizar a mediação, contando às pessoas sobre a forma como a realizamos, destacamos que as trabalhadoras sexuais também constroem a cidade e a transformam cotidianamente, apesar de serem invisibilizadas, de diversas formas. Além disso, observamos um interesse muito forte do público infantil no trabalho cartográfico e entendemos que os desenhos foram os responsáveis por aproximar as crianças do mapa, que também realizaram seus próprios desenhos em uma cartolina deixada em frente à exposição, a fim de que a comunidade manifestasse seus lugares preferidos na cidade. Destacamos que o trabalho sexual é considerado um tema supostamente

complicado para se tratar com o público infantil. Porém, através da cartografia, conseguimos dialogar com as crianças e esperamos que este debate venha a somar na luta contra a transfobia pelas futuras gerações. Nosso objetivo com esta exposição foi sensibilizar a comunidade pelotense a refletir sobre os patrimônios institucionalizados da cidade e as histórias que são contadas a partir deles, para propor a construção de uma narrativa de patrimônio compartilhada, despertando seus sentidos de pertencimento e afeição a determinados lugares que consideram importantes para si. Ademais, mostrar que elas, assim como outros grupos, também fazem parte da história da cidade.

4. CONCLUSÕES

Podemos dizer que, após a elaboração da cartografia, nossas reflexões nos levaram ao entendimento de que as trabalhadoras sexuais fazem, desfazem e refazem a cidade, no ontem, no hoje e no amanhã de Pelotas. Salientamos, também, que esta cartografia foi concebida como ferramenta de luta e de resistência, potencialmente engajada politicamente e socialmente com os grupos em processos de exclusão na cidade, em especial com as trabalhadoras sexuais.

A partir deste trabalho realizado na disciplina, foi possível articular não só com o ensino e a pesquisa, como também com a extensão, levando para fora da universidade o trabalho realizado em sala de aula, o que trouxe um outro olhar para o patrimônio a partir da construção de narrativas sobre o trabalho sexual na cidade de Pelotas, no evento do Dia do Patrimônio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro**. Mana, 21(3), 483-498, 2015.
- ALFONSO, L.; RIETH, F. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. SCHIAVON, Carmem; PELEGRINI, Sandra (org.). Editora da FURG, Rio Grande – RS, 2016.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DAS, V.; POOLE, D. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**. Universidad de Buenos Aires Buenos Aires, Argentina. n. 27, p. 19-52, 2008.
- FILHO, K.; TETI, M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.
- INGOLD, T. **Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 25(1): 76-110, 2005.
- SOUSA, A. **Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais**. Habitus, Goiânia, V. 3, N. 2, 2005, p. 291-300.
- THIESEN, B. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS). Universidade de Caxias do Sul. **Revista Méti: História & Cultura**. V. 8, N. 16, 2009.